

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO COMO PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E DA ESPERANÇA

MOACIR GADOTTI¹

RESUMO

O presente artigo busca contribuir com a reflexão do livro *Pedagogia do Oprimido* 50 anos depois, a problematização sobre a concepção de educação bancária e educação emancipadora e a atualidade da obra no século XXI, diante de um contexto de desigualdades.

O artigo nos impulsiona e nos desafia ao pensamento crítico, à resistência e à luta, em prol da classe trabalhadora. O desafio que ele nos apresenta está em sua ideia central de arrancar o opressor de nossas entranhas, por meio de um processo de conscientização que liberta a ambos: oprimidos e opressores.

PALAVRAS-CHAVE

Educação bancária; educação problematizadora; pensamento crítico.

¹ Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire.

ABSTRACT

The present article tries to contribute with the reflection of the book *Pedagogy of the Oppressed* 50 years after, the problem posing the conception of bancarian education and emancipating education and the actuality of the work in the XXI Century, in front of a inequality contexto.

The article pushes us and challenges us to the critical thought, to resistance and stuggle, in favor of the working class. The challente he presente us it is in his central ide ato to pull the opprsers of our womb, trthrough a conscientização process that frees both oppresers and oppresseds.

KEYWORDS

Bancarian education; problematizing education, critical thought.

"Paulo. Santiago, Primavera 68".

Foi assim que Paulo Freire assinou a carta que escreveu aos amigos Jacques Chonchol e Maria Edy, ao entregar a eles, depois de quatro anos de exílio, no Chile, os manuscritos do livro *Pedagogia do oprimido*, obra que o consagraria como um dos mais importantes educadores do século XX.

A obra-prima de Paulo Freire chega ao seu cinquentenário atualíssima. Ela teve e continua tendo um impacto mundial nos campos da educação, da política e da cultura. Pela enorme importância da obra freiriana, a Unesco considerou "Patrimônio Documental da Humanidade" o acervo de Paulo Freire, incluindo-o no programa "Memória do Mundo".

Neste texto-homenagem, gostaria de mostrar a vigência e a atualidade desta *pedagogia do oprimido* que é, também, uma *pedagogia da autonomia* - pois é uma pedagogia centrada na práxis da aprendizagem da palavra pelo oprimido que se assume como sujeito da sua própria história - e uma *pedagogia da esperança*, na medida em que sustenta a crença nos seres humanos, a fé nos homens e mulheres na sua possibilidade de mudar a ordem das coisas e construir um mundo onde "seja menos difícil amar". E, finalmente, como não há esperança na pura espera, a *pedagogia do oprimido* é também uma *pedagogia da luta*.

1. EM QUE CONTEXTO NASCEU A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO?

Depois que Paulo Freire entregou os manuscritos a Chonchol, nunca mais os viu, pois não ficou com nenhuma cópia. No final de sua vida, desejando revê-los, tinha a intenção de escrever a Jacques Chonchol para obter uma cópia, mas ele faleceu logo depois, sem conseguir realizar esse sonho.

Ao entregá-los a Jacques Chonchol e a sua esposa, a brasileira Maria Edy, numa carta escrita a eles, na "primavera de 68", Paulo Freire fala da saudade que tinha de Recife, após quatro anos de exílio, "de suas pontes, suas ruas de nomes gostosos: Saudade, União, 7 pecados, Rua das Creoulas, do Chora menino, ruas da Amizade, do Sol, da Aurora". Ele dizia ter deixado "o mar de água morna, as praias largas, os coqueiros", deixava "o cheiro da terra e das gentes do trópico, os amigos, as vozes conhecidas". E afirmava que estava deixando o Brasil, mas também "trazia o Brasil" e "chegava sofrendo a ruptura entre o meu projeto e o projeto do meu País". E conclui dizendo: "gostaria que vocês recebessem estes manuscritos de um livro que pode não prestar, mas que encarna a profunda crença que tenho nos homens, como uma simples homenagem a quem muito admiro e estimo".

Em 1968, Paulo Freire estava receoso de que seu livro fosse confiscado - haviam surgido boatos de que forças da inteligência chilena estariam atrás de um livro "subversivo e perigoso" - datilografou o texto (os manuscritos) e tirou algumas cópias antes de entregar os manuscritos a Chonchol. Nos originais, não encontramos o título do livro e nem títulos para os seus quatro capítulos. Até a 17ª edição (1987), revista por Paulo Freire, só apareciam, no início de cada um de seus capítulos, os assuntos destacados por ele mesmo nos manuscritos, menos

no capítulo três onde aparece só o número III. Os manuscritos começam com a conhecida epígrafe: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”.

Neste texto, me coloco como mais um leitor entre tantos leitores para mostrar o sentido e o significado desta obra. Como seus leitores receberam esse livro? Como o interpretaram? Como ele continua vivo hoje, no século XXI, 50 anos depois?

Foram essas as perguntas que me fiz quando comecei a escrever este texto. Paulo Freire, 34 anos depois, fez uma “releitura” da *Pedagogia do oprimido* em seu livro *Pedagogia da esperança* que sugestivamente tem por subtítulo a frase: “um reencontro com a Pedagogia do oprimido”. Neste livro, ele não só retoma os grandes temas da *Pedagogia do oprimido* como, também, analisa sua trajetória. E não podemos deixar de destacar o elo fundamental que existe entre esses dois livros e *Pedagogia da autonomia*, publicado antes de falecer em 1997, cujo nascimento acompanhei mais de perto.

Sem dúvida, a *Pedagogia do oprimido*, livro traduzido em mais de 20 idiomas, é sua principal obra e a principal obra da teoria transformadora da educação, uma referência permanente da educação popular no mundo. Nesse livro ele sistematiza e desenvolve temas antes esboçados e, ao mesmo tempo, temas que irá aprofundar depois.

De certa forma, o livro *Pedagogia do oprimido* serviu como referência para os demais livros escritos depois por Paulo Freire. Assim, podemos dizer que suas principais *teses* e *intuições originais* estão neste livro. Entre elas podemos destacar: a politicidade da educação, o reconhecimento da legitimidade do saber popular, a prática da liberdade como precondição para a vida democrática, a educação como produção e não meramente como transmissão de conhecimentos, uma ciência aberta às necessidades populares, a harmonização entre o formal e não-formal, a recusa ao pensamento fatalista neoliberal e uma pedagogia comprometida com a cidadania ativa.

Por outro lado, as temáticas desenvolvidas no Chile, e que compõem a sua *Pedagogia do oprimido*, já vinham sendo “experimentadas” antes no Brasil, como ele afirma em *Pedagogia da esperança*: “o respeito às diferenças culturais, o respeito ao contexto a que se chega, a crítica à ‘invasão cultural’, à sectarização e a defesa da radicalidade de que falo na *Pedagogia do oprimido*, tudo isso é algo que, tendo começado a ser experimentado anos antes no Brasil e cujo saber trouxera comigo para o exílio, na memória de meu próprio corpo, foi intensamente, rigorosamente vivido por mim nos meus anos de Chile” (Freire, 1992: 44). Em *Pedagogia da esperança*, ele reconhece a influência da sua vivência chilena na elaboração do livro, afirmando que “foi vivendo a intensidade da experiência da sociedade chilena, da minha experiência naquela experiência, que me fazia re-pensar sempre a experiência brasileira, cuja memória viva trouxera comigo para o exílio, que escrevi a *Pedagogia do oprimido* entre 1967 e 1968. Texto que re-tomo agora, na sua ‘maioridade’, para re-ver, re-pensar, para re-dizer. Para dizer também, pois que o retomo noutro texto que tem igualmente seu discurso que, do mesmo modo, fala por si, falando da esperança (...). Levei um ou mais de um ano falando de aspectos

da *Pedagogia do oprimido*. Falei a amigos que me visitavam, discuti-os em seminários, em cursos. Um dia, minha filha Madalena chegou a chamar, delicadamente, minha atenção para o fato. Sugeriu maior contenção de minha parte na ânsia de falar sobre a *Pedagogia do oprimido* ainda não escrita. Não tive forças para viver a sugestão. Continuei apaixonadamente falando do livro como se estivesse, e na verdade estava, aprendendo a escrevê-lo” (*Idem*, pp. 53-54).

Paulo Freire viveu intensamente esse contexto de efervescência latino-americana dos anos 60, como ele descreve em sua *Pedagogia da esperança*: “Santiago virou quase uma espécie de ‘cidade-dormitório’ para intelectuais, políticos de opções as mais variadas. Neste sentido, talvez tenha sido Santiago, em si mesma, naquela época, o melhor centro de ‘ensino’ e de conhecimento da América Latina. Aprendíamos das análises, das reações, das críticas feitas por colombianos, venezuelanos, cubanos, mexicanos, bolivianos, argentinos, paraguaios, brasileiros, chilenos, europeus. Análises que iam da aceitação quase sem restrições à Democracia Cristã à sua total rejeição. Críticas sectárias, intolerantes, mas também críticas abertas, radicais, no sentido que defendo” (*Idem*, p. 45). Na mesma página, Paulo chama a atenção também para maio de 68, e para os “movimentos estudantis mundo afora, rebeldes, libertários”, para Marcuse, com sua “influência sobre a juventude”. E fala ainda da China de Mao Tsé-Tung e da revolução cultural.

Ele encontrou, em Santiago, um ambiente político favorável ao desenvolvimento de suas ideias e práticas, escrevendo sua *Pedagogia do oprimido* no contexto dos fortes movimentos emancipatórios daquela década, movimentos de mulheres, estudantes, camponeses, trabalhadores, negros, movimentos sociais e populares, movimentos de contracultura (*hippies*), na presença da Guerra Fria, o assassinato de Che Guevara (1967) e de Martin Luther King (1968), a Primavera de Praga (1968), entre outros fatos que tiveram grande repercussão naquele momento. Isso também explica sua grande aceitação.

A *Pedagogia do oprimido* representa um avanço em sua elaboração teórica onde coexistem categorias de origem cristã, como a ideia de diálogo e influências marxistas, como a noção de classe social. No Chile ele radicalizou seu pensamento. Como reconhece um dos estudiosos desse tema, o chileno Guillermo Willianson C. (1988), a *Pedagogia do oprimido* “é fruto de um conjunto de fatores pessoais - a prisão, suas reflexões intelectuais etc. - e históricas - o exílio, as experiências do Brasil vistas do Chile em transformação etc. ‘Minha prática de exílio me politizou intensamente. Foi o Chile que me fez isso’, declara em *Acción cultural para la libertad*. Em encontros periódicos, foi descobrindo a América Latina, junto com outros intelectuais brasileiros, a partir de duas fontes: da vivência de estudo e trabalho em outro país e da análise científica da realidade brasileira e latino-americana”.

2. APRENDER A DIZER A SUA PALAVRA E ESCREVER SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

A ênfase principal desta obra foi muito bem captada no prefácio escrito por Ernani Maria Fiori: o objetivo principal de uma educação libertadora é fazer com

que o homem e a mulher aprendam a “dizer a sua palavra”, não repetindo, simplesmente, a palavra do outro. A palavra como instrumento por meio do qual homens e mulheres se tornam sujeitos de sua história. O próprio Paulo Freire reconheceu, mais tarde, que o prefácio de Ernani Maria Fiori era “uma síntese extraordinária” (*Apud*: Andreola e outros, 2011: 4) do que ele havia escrito.

O professor Ernani Maria Fiori foi um dos primeiros leitores dos manuscritos, depois de Elza, esposa de Paulo, que acompanhou a escrita desde o início. Paulo Freire escrevia à noite e de manhã cedo submetia esses manuscritos à Elza, para que opinasse. Era um hábito dele pedir que outros lessem seus textos antes de publicar. Este, em particular, teve a leitura atenta de Elza Freire. Em *Pedagogia da esperança*, ele reconhece a importância da leitura crítica de sua esposa, no período em que ele redigia *Pedagogia do oprimido*: “durante todo o tempo em que falei da *Pedagogia do oprimido* a outras pessoas e a Elza, ela sempre foi uma ouvinte atenciosa e crítica, e se tornou minha primeira leitora, igualmente crítica, quando comecei a fase de redação do texto. De manhã, muito cedo, lia as páginas que eu escrevera até a madrugada e deixara arrumadas sobre a mesa. Às vezes, não se continha. Me acordava e, com humor, me dizia: ‘Espero que este livro não nos torne mais vulneráveis a novos exílios’” (Freire, 1992: 65). Numa outra passagem (p. 30), ele afirma: “Terminada finalmente a redação do quarto capítulo, revistos e retocados os três primeiros, entreguei o texto todo a uma datilógrafa para que o batesse à máquina. Em seguida, fiz várias cópias que distribuí entre amigos chilenos e entre alguns companheiros de exílio e amigos brasileiros”.

Ernani Maria Fiori deu um título sugestivo a seu prefácio: “Aprenda a dizer sua palavra”. Embora os manuscritos de Paulo Freire não tivessem nenhum título, Fiori termina sua apresentação (Freire, 1974) afirmando que, aprender a tomar a palavra “dos que a detém e a recusam aos demais, é um difícil, mas imprescindível aprendizado”, e que essa é, verdadeiramente, a “pedagogia do oprimido”. Nessa apresentação Fiori destacou *cinco teses* principais dessa pedagogia:

1ª. “Com a palavra, o homem se faz homem” (p. 5). Fiori destaca a importância de assumir a palavra para cada um, cada uma, escrever sua própria história.

2ª. “Ninguém se conscientiza sozinho” (p. 8). “Os homens humanizam-se, trabalhando juntos para fazer do mundo, sempre mais, a mediação de consciências que se coexistenciam em liberdade” (pp. 14-15). Os seres humanos se educam juntos, mediatizados pelo mundo. Educador e educando ensinam e aprendem juntos.

3ª. “O mundo se faz pelo trabalho” (p. 10), pelo trabalho cooperativo, juntos. Daí a necessidade de círculos de cultura ou “círculos de investigação temática”, como os chamava Fiori. Paulo Freire afirma, numa nota de rodapé à página 131 da primeira edição, que a denominação de Fiori seria mais adequada para designar os círculos de cultura. Segundo Freire, “círculo de cultura” seria uma designação “menos própria”. Com isso, ele entendia que o círculo de cultura não era apenas um novo nome para a “aula”, mas seria uma nova concepção da atividade docente, essencialmente associada à investigação, à pesquisa. Os círculos de cultura seriam também “círculos epistemológicos”, como defende hoje José Eustáquio Romão (Romão e outros, 2006).

4ª. “A palavra verdadeira se faz ação transformadora do mundo” (p. 14), se faz “palavração”, diria mais tarde Paulo Freire. Ele afirma, na página 91: “não há palavra verdadeira que não seja práxis”, definida por ele como a soma da teoria com a prática.

5ª. “Aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra” (p. 14). Ninguém liberta ninguém, todos nos libertamos juntos, em comunhão.

Paulo Freire, como Karl Marx, sustentava que os trabalhadores precisam libertar-se por eles mesmos. Embora Paulo Freire não utilizasse a categoria *autodeterminação* - uma das principais categorias da filosofia marxista (Holloway, 2003) em sua *Pedagogia do oprimido*, ela está presente quando fala de *emancipação*. Encontramos mais tarde o conceito de “autodeterminação” em Freire nos diálogos mantidos com Ira Shor (Freire & Shor, 1987), utilizando o termo inglês *empowerment* pois “empoderamento” (tradução literal) não traduziria toda a riqueza desta palavra.

Paulo Freire utiliza com mais frequência a categoria *emancipação*. No século XX, o conceito de “emancipação” foi particularmente elaborado pela Escola de Frankfurt, ao lado do conceito de “razão comunicativa” (Jurgen Habermas). Outro membro desta escola, Theodor Adorno, escreveu um livro com o título *Educação e emancipação* (Adorno, 1995). Mais tarde, Erica Sherover-Marcuse, viúva de Herbert Marcuse, também da Escola de Frankfurt, escreveu um livro muito apreciado por Paulo Freire, *Emancipation and Consciousness* (Sherover-Marcuse, 1986), onde ela aproxima a teoria da emancipação e a teoria da conscientização. Mesmo assim, Paulo Freire continuou usando a expressão “educação problematizadora” em vez de “educação emancipadora”.

Paulo Freire havia conhecido Ernani Maria Fiori antes do exílio, nos anos 50, quando ainda trabalhava no SESI, em Pernambuco. Conviveu com ele tanto no Brasil quanto no Chile. Referia-se a ele como um grande amigo. Sobre o prefácio que Fiori escreveu, Paulo Freire disse numa entrevista a Balduino Andreola: “Vocês podem bem imaginar a alegria que eu tive quando ele me leu o texto. Era maravilhoso. É uma das melhores coisas que eu conheço sobre que diabo é essa *Pedagogia do Oprimido*. O prefácio é, no fundo, melhor do que o livro. É uma síntese extraordinária de compreensão do que eu dizia” (*Apud*: Andreola e outros, 2011: 4).

Paulo Freire, ao dizer que Fiori havia feito uma “síntese extraordinária”, estava afirmando que *aprender a dizer sua palavra* sintetizava a mensagem central da *Pedagogia do oprimido* como a manifestação e reconhecimento do outro como sujeito de direitos, como sujeito de voz, de saberes, de cultura, o reconhecimento de cada um, em sua individualidade, identidade, subjetividade, diferença: “Paulo Freire prioriza ver, reconhecer os Outros como sujeitos de voz, sujeitos de saberes, culturas, consciência. Um ver os Outros de extrema radicalidade política que se contrapõe a uma História de tentativas brutais de reprimir sua voz, suas presenças na política, na história, na cultura. Até na pedagogia” (Arroyo, 2018: 01). Podemos sintetizar a *pedagogia do oprimido* numa frase: aprender a dizer a sua palavra e escrever sua própria história.

Esse paradigma do oprimido se opõe ao paradigma da modernidade uniformizadora, totalizadora, homogeneizadora. Ele se opõe à visão universalista de humanidade que exclui o diferente, que é sempre o outro, aquele que não é igual

a mim. Daí Paulo se opor ao colonialismo opressor que impõe uma só cultura para todos, *ocidental, branca, cristã*. É a *educação como imperialismo cultural* (Carnoy, 1974), para citar um livro que Paulo Freire leu na década de 70 e gostou muito, uma educação que reproduz e reforça a exploração econômica e a dominação política.

Pedagogia do oprimido é a expressão da necessidade de reconhecer-se no outro, no diferente, como eu mesmo. Todos somos igualmente sujeitos da mesma humanidade, una, mas, essencialmente, diversa.

3. DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA DESUMANIZADORA À EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA

Há um texto seminal sobre esse tema, que é a síntese de palestras proferidas por Paulo Freire a um grupo de senhoras, em maio de 1967, em Santiago, sob o patrocínio da OEA, do Governo do Chile e da Universidade do Chile e que foi publicado pela revista *Paz e Terra* dois anos depois, com o título “Papel da educação na humanização” (Freire, 1969). Neste texto, ele chama a atenção para a educação como processo de desumanização: “se falamos da humanização, do ser mais do homem - objetivo básico de sua busca permanente - reconhecemos o seu contrário: a desumanização, o ser menos. Ambos, humanização e desumanização, são possibilidades históricas do homem como um ser incompleto e consciente de sua incompleticidade. Tão somente a primeira, contudo, constitui a sua verdadeira vocação. A segunda, pelo contrário, é a distorção da vocação (...). Uma educação só é verdadeiramente humanista se, ao invés de reforçar os mitos com os quais se pretende manter o homem desumanizado, esforça-se no sentido da desocultação da realidade. Desocultação na qual o homem existencialize sua real vocação: a de transformar a realidade. Se, ao contrário, e educação enfatiza os mitos e desemboca no caminho da adaptação do homem à realidade, não pode esconder seu caráter desumanizador (...). A concepção humanista, que recusa os depósitos, a mera dissertação ou narração dos fragmentos isolados da realidade, realiza-se através de uma constante problematização do homem-mundo. Seu quefazer é problematizador, jamais dissertador ou depositador”. Esse é um texto publicado em 1969. Hoje, como leitores “politicamente corretos” onde se lê “homem”, podemos ler “ser humano”. Mais tarde, em vez de “incompleticidade”, Paulo Freire usou a palavra “incompletude”.

Se é pela palavra que o ser humano revela sua humanidade, é no diálogo que ele se encontra com o outro. Só uma comunicação autêntica, na reciprocidade e na igualdade de condições, como dizia Martin Buber, estabelecidas pelo diálogo, é que o indivíduo torna-se criador e sujeito. Por isso, a educação não é um processo neutro. Ela pode tanto formar sujeitos sujeitados quanto sujeitos livres. Ela pode ser tanto uma ação cultural para a dominação quanto pode ser uma ação cultural para a libertação. Ela pode ser libertadora ou bancária. Como afirma Ângela Antunes (2008:19), diretora pedagógica do Instituto Paulo Freire, “em *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire dá nome a algo fundamental no processo educacional.

Nomeia o ato de educar como ato político. Traz à existência a politicidade da educação. E, na dedicatória do livro, toma uma posição: 'aos esfarrapados do mundo e aos que com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam'. Ensina-nos que educar implica escolhas, compromisso e luta".

A concepção freiriana de diálogo aparece mais explicitamente no terceiro capítulo do livro (Freire, 1974). Aí ele estabelece cinco *condições* para o diálogo:

1ª. *Amor*: "se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo" (p. 80). Numa nota, nesta página, cita Che Guevara: "o verdadeiro revolucionário é animado por fortes sentimentos de amor".

2ª. *Humildade*: "a auto-suficiência é incompatível com o diálogo" (p. 81).

3ª. *Fé*, fé nos homens, "fé na sua vocação de ser mais" (p. 81): "sem a fé nos homens o diálogo é uma farsa" (p. 81).

4ª. *Esperança*: "a esperança está na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca" (p. 82).

5ª. *Pensar crítico*. Para ele, o pensar ingênuo é "acomodação" (p. 83). "Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação" (p. 83).

O *diálogo* não exclui o *conflito*. Em Paulo Freire, o diálogo dos oprimidos, orientados por uma consciência crítica da realidade, aponta para a superação do conflito destes com seus opressores. Para ele, o diálogo não é só um encontro de dois sujeitos que buscam o significado das coisas - o saber - mas um encontro que se realiza na *práxis* (ação + reflexão), no engajamento, no compromisso com a transformação social. Dialogar não é trocar ideias. O diálogo que não leva à ação transformadora é puro verbalismo.

A *pedagogia do diálogo* de Paulo Freire contribuiu enormemente para o desenvolvimento da pedagogia contemporânea, para a compreensão da instituição escolar, desmistificando a superioridade natural do mestre, desmistificando a ideia da superioridade moral de alguns seres humanos sobre outros, ou porque ocupam funções superiores, ou porque são mais competentes.

É neste livro que Paulo Freire desenvolve o conceito de "educação bancária", uma educação rígida, autoritária e antidialógica, na qual o professor tem o papel de transferir o seu saber para alunos dóceis e passivos como se eles fossem uma lata vazia. Ao contrário, a educação problematizadora é flexível, participativa e dialógica. Ambos, professor e alunos, buscam, juntos, "em comunhão", construir conhecimento valorizando o que já sabem.

Educação bancária é aquela que mantém as condições de opressão e que não faz a "leitura do mundo". Como diz Paulo Ghirardelli Jr (2012: 3), oprimido é aquele sujeito que vive num lugar "comprimido", onde "o peso do meio esmaga-o", não entende o mundo a sua volta. O oprimido é sempre um "desenraizado". No processo de desenraizamento, o papel do professor, como aquele que se comunica, que "transmite" mas não "transfere" conhecimento (*Idem*, p. 38) é decisivo. Ao mesmo tempo em que Paulo Freire afirmava o diálogo entre professor e aluno ele também sempre negou o espontaneísmo.

A pedagogia do oprimido possibilita desvelar a realidade opressora, tornando o homem e a mulher conscientes da sua situação de exploração em que vivem,

primeiro passo para libertar-se da opressão. Trata-se de uma pedagogia que leva à luta pela transformação de opressão na qual o oprimido vive.

A pedagogia do oprimido é, ao mesmo tempo, uma *pedagogia da esperança* e uma *pedagogia da luta*. Não há esperança na pura espera, sem luta. É uma pedagogia “do” oprimido e não “para” o oprimido pois se trata de “uma formulação a partir do ponto de vista dos esfarrapados da Terra, a quem ele dedica o livro. A implicação desta opção é radical, constituindo, no limite, uma verdadeira revolução paradigmática, na medida em que atribui aos dominados uma superioridade científica e epistemológica (...). Esta superioridade é explicitada na passagem em que Paulo Freire afirma: ‘Por isto é que somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam’ (*Pedagogia do oprimido*, 17ª ed., p. 43). Estendendo-se este princípio aos demais campos da atividade humana, pode-se concluir que somente os oprimidos são capazes de desenvolver a humanização e, portanto, o processo civilizatório” (Romão, 2008: 11-12).

A pedagogia do oprimido é uma pedagogia forjada por ele. Uma pedagogia que conscientiza e politiza. A ideia central da *Pedagogia do oprimido*, diz Licínio C. Lima (2018: 29), “é a de que se por um lado os oprimidos hospedam em si o opressor, só através de um processo de conscientização se poderão vir a libertar do opressor e, simultaneamente, libertar o opressor da sua condição de opressor. Esse processo exige, e ao mesmo tempo contém, uma pedagogia”.

Neste livro, Paulo Freire deixa claro que a educação sozinha não poderá decidir sobre os rumos da história; entretanto, mostra como uma educação transformadora pode contribuir para mudar o rumo das coisas. Conscientes e organizados, os oprimidos podem libertar-se da opressão. Ele combate a pedagogia fatalista e conservadora.

A educação bancária funda-se na *teoria da ação antidialógica*, caracterizada pela conquista, pela divisão do povo, pela manipulação e pela invasão cultural e o seu oposto, a educação problematizadora, na *teoria da ação dialógica*, caracterizada pela colaboração, pela união, pela organização e pela síntese cultural.

A *educação bancária* caracteriza-se pelo depósito assistencialista onde não há comunicação, mas apenas comunicados, onde só há sujeitos narradores que são os professores, e objetos ouvintes, que são os alunos; os primeiros é que sabem e os segundos são considerados ignorantes. Se consideramos que só há aprendizagem quando o sujeito participa dela, a educação bancária não favorece a aprendizagem; ela não desenvolve a criatividade, a busca e a inovação. O educador bancário deposita conteúdos no educando, anulando, seu potencial criativo. Ele incita à memorização e não ao pensar crítico.

Ao contrário, na *educação problematizadora*, educadores e educandos se educam no diálogo, mediados pelo mundo e ambos tornam-se sujeitos do processo de aprendizagem. Sem a superação da contradição entre educador-educando, não é possível a relação dialógica. Na educação problematizadora, o educador propõe, não impõe. Ele não expõe ao aluno credos, dogmas, mas, junto com ele, mediado pela realidade, busca respostas para os desafios da reflexão e da ação de hoje.

Paulo Freire faz a defesa de uma *pedagogia dialógica* e emancipatória do

oprimido, problematizante e participativa, em oposição à pedagogia da classe dominante, que é bancária e domesticadora. Ele propõe a conscientização como forma do povo passar da consciência ingênua, mágica, para a consciência crítica e científica da realidade. O diálogo problematizador, para ele, estabelece-se na relação horizontal, baseada na confiança entre os sujeitos. Este diálogo é, para ele, a essência mesma da educação como prática da liberdade.

4. A POLIFONIA E A CONECTIVIDADE DE FREIRE FRENTE AO PENSAMENTO ÚNICO

Paulo Freire confessou, certa vez, que se considerava um “menino conectivo”. Esta característica não era apenas pessoal. Era também epistemológica e política. Ele conseguia criar laços, interligar as categorias da história, da ciência, da política, das artes, da cultura, de classe, gênero, etnia, bem como pessoas de todas as áreas.

Em *Pedagogia do oprimido* ele cita muitos autores e autoras, tanto da *fenomenologia*, quanto do *existencialismo* e do *marxismo*. Ele propõe uma síntese teórica entre cristãos e marxistas. Entre esses autores podemos destacar: Hegel, Edmund Husserl, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Martin Buber, Lucien Goldman, Frantz Fanon, Albert Memmi, Marx, Lenin, Che Guevara, George Luckas, Karel Kosik, Herbert Marcuse, e autores brasileiros como Álvaro Vieira Pinto, Guimarães Rosa e Cândido Mendes. Por isso, podemos dizer que uma das marcas da *Pedagogia do oprimido* é a sua polifonia. Como nos diz Danilo Streck (2008:16), “há vozes muito diferentes presentes no livro, às vezes até dissonantes. Estão presentes os camponeses e trabalhadores ao lado de intelectuais, artistas e militantes; encontramos escolas de pensamento em relação às quais Paulo Freire não tem a preocupação de uma aplicação coerente com elas mesmas, mas a sua recriação em função de uma leitura da realidade que se coloca como desafio para interpretação e mudança. É essa polifonia que faz com que tantas pessoas se ‘encontrem’ no livro”.

A polifonia em Paulo Freire não significa ecletismo mas pluralismo. O *pluralismo* não significa posições “adocicadas”, como Paulo Freire costumava dizer. Significa ter um ponto de vista e, a partir dele, dialogar com os demais. Pluralismo não significa concordar com tudo ou aproveitar um pouco de cada teoria ou posição política. Significa saber dialogar com posições diferentes sem perder seu próprio ponto de vista. Paulo Freire exercitava essa pedagogia do diálogo que exige respeito às diferenças, que não silencia outras vozes, mas as escuta. E não se trata só de respeitar as diferenças, mas também de valorizá-las.

As teorias de Paulo Freire expostas na *Pedagogia do oprimido* cruzaram as fronteiras das disciplinas, das ciências, para além da América Latina. Suas abordagens transbordaram para outros campos do conhecimento, criando raízes nos mais variados solos, fortalecendo teorias e práticas educacionais, bem como auxiliando reflexões não só de educadores, mas também de médicos, terapeutas, cientistas sociais, filósofos, antropólogos e outros profissionais.

Paulo Freire assumiu o risco de cruzar fronteiras para poder ler melhor o mundo e facilitar novas posições sem sacrificar seus compromissos e princípios. As

barreiras e fronteiras estão sempre à nossa volta. Os intelectuais e educadores que ocupam fronteiras muito estreitas não percebem que elas também têm a capacidade de aprisioná-los. Nesse sentido, é preciso reconhecer a importância da *Pedagogia do oprimido* em termos mais globais. Seria ingênuo considerar a sua pedagogia como uma pedagogia só aplicável no chamado “Terceiro Mundo”. Como afirma Carlos Alberto Torres, professor da Universidade da Califórnia, Los Angeles, um dos principais estudiosos de Paulo Freire (Torres, 1996: 567-568), a *Pedagogia do oprimido* “apresentou uma sistematização das bases antropológicas para uma educação libertadora e uma reinterpretação das relações entre filosofia, educação e política. Interpretação essa que poderia integrar-se de maneira coerente com a análise de Gramsci sobre a construção de um novo senso comum e intelectuais orgânicos na busca de uma nova hegemonia, ou com a contribuição da Escola de Frankfurt, especialmente com o filósofo alemão Jürgen Habermas e seu intento de confrontar a colonização do mundo da vida cotidiana (*lifeworld*) e a criação de um “discurso ideal”, que permita a comunicação emancipadora entre os seres humanos. Sem dúvida alguma, *Pedagogia do oprimido* mostra uma convergência fundamental entre Paulo Freire e Jürgen Habermas, no estudo de uma psicologia social crítica, e de Paulo Freire e Antonio Gramsci, na determinação de uma política como transformação social”.

Quem conviveu mais de perto com Paulo Freire estava acostumado a essa “enormidade” de Freire, cruzando fronteiras, continentes, um dia na África, outro na Europa, nos Estados Unidos, aproximando gentes e perspectivas diversas. Como testemunha Carlos Rodrigues Brandão, que acompanhou Freire desde os primórdios, “quem leia com atenção *Pedagogia do oprimido*, assim como outros livros de Paulo Freire, como aqueles em que ele dialoga com a África, verá que suas leituras percorrem autores do “primeiro mundo”, e também “terceiro-mundistas” como Amílcar Cabral, Samora Machel, Franz Fanon e Alfredo Memni. Em reiterados depoimentos “ao vivo” Paulo nos incentivava a “sulear” nossas leituras e mentes. E nos desafiava a buscar em autores entre a África e a Nicarágua insurgentes pelo menos boa parte das fontes originais e essências de nossos diálogos (...). Paulo Freire deve ser uma vez lembrado como um autor de ideias mescla o pensamento da América Latina com o da África e com os da Europa e dos EUA. Sendo também nisto um pioneiro, ele fazia Antônio Gramsci dialogar com Ernani Maria Fiori, com Franz Fanon, com Martin Buber e com Samora Machel. Uma leitura atenta às notas de rodapé e da bibliografia de *Pedagogia do oprimido* poderá ser bem um claro espelho do que lembro aqui” (Brandão, 2018: 287 e 292).

Paulo gostava de usar a palavra “sulear”, em vez “nortear” ou “orientar”, chamando a atenção para a nossa realidade, do sul do mundo, tendo o sul como referência e não o norte ou o oriente. Num texto recente de Danilo Streck, Cheron Moretti e Sandro Pitano, eles tratam desse tema mostrando o seu significado mais profundo. Dizem eles: “sulear na perspectiva freiriana significa o processo de autonomização através do protagonismo dos colonizados na luta pela emancipação/libertação, assim como significa a construção de paradigmas endógenos, abertos e enraizados nas circunstâncias e na complexidade da própria realidade

(...). Para além de nos chamar a atenção para nosso pertencimento geográfico, nos desafia a reorientar a ação e o pensamento pedagógico e epistêmico a partir de princípios constitutivos da nossa americanidade” (STRECK e outros, 2918: 37), sem, no entanto, “negar a modernidade”, concluem eles.

Por que *Pedagogia do oprimido* teve tanto reconhecimento, tanta aceitação, e por públicos tão diversos?

Há uma razão básica que explica tamanha repercussão: podemos dizer que Paulo Freire faz uma espécie de “metateoria”, um discurso que atende a públicos muito diversos. Isso tem a ver, também, com a polifonia do seu pensamento. Como diz Danilo Streck (2008:16), “entendo que em *Pedagogia do oprimido* encontramos a dimensão pedagógica dos movimentos de emancipação (de estudantes, de mulheres, das antigas colônias e dos trabalhadores, entre outros) que estavam ocorrendo por ocasião de sua elaboração. O livro teve tamanha repercussão, quase instantânea, porque disse o que muita gente tinha na ponta da língua e via expresso nas palavras de Paulo Freire”.

Paulo Freire escreve para educadores e não-educadores, para médicos, cientistas sociais, para físicos, estudantes, pais e mães, operários, camponeses e outros. Pessoas muito diferentes se encontraram nesse livro, identificaram-se com o seu ponto de vista. O livro ressoou nos mais diversos ambientes, seja na academia, seja na sociedade. Sindicatos, igrejas, movimentos sociais e populares foram responsáveis por uma grande difusão e debate de suas ideias, servindo de guia para a ação transformadora.

Alfabetizadores, intelectuais de esquerda, indígenas, marginalizados, militantes políticos, universitários, pobres e ricos comprometidos com os mais empobrecidos, políticos, trabalhadores sociais e outros, utilizaram-se de suas teses para defender seus próprios pontos de vista.

Nesse quadro de conectividade polifônica, o que o livro *Pedagogia do oprimido* representa na história das ideias pedagógicas?

Carlos Alberto Torres afirma estar convencido de que “existem dois livros que marcam importantes desenvolvimentos da filosofia da educação no século 20: um é *Educação e democracia*, de John Dewey, e outro é *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire” (Torres, 2008: 10). Para aqueles que não se conformam com o pensamento único neoliberal que renuncia ao sonho e à utopia, para aqueles que acreditam que “um outro mundo é possível”, a palavra “oprimido” não perdeu vigência, não perdeu sentido e nem atualidade. Como sustenta Leonardo Boff (2008: 16), “a importância de Paulo Freire foi de ter mostrado que o oprimido jamais é somente um oprimido. É também um criador de cultura e um sujeito histórico que, quando conscientizado e organizado, pode transformar a sociedade” (Boff, 2008:16).

São ideias simples e revolucionárias que impactaram várias gerações de educadores e de educadoras na América Latina e no Mundo. Muitos educadores, por meio da *Pedagogia do oprimido*, despertaram para a luta democrática, criando espaços de resistência ao autoritarismo político e pedagógico. “A *Pedagogia do oprimido* é um livro de ideias e de desafios. Inspira-nos a ter esperança e a sonhar, a despeito da vida opressora de nossas sociedades desiguais. Estimula-nos a atuar em favor da igualdade e contra a opressão, a conhecer os limites e os espaços abertos que

nos rodeiam, de modo que possamos mudar a história com as próprias mãos, em nosso próprio tempo. Ajuda-nos a ser professores libertadores que ajudam os desprovidos de poder a encontrar sua própria voz e sua plena qualidade humana. *A Pedagogia do oprimido* de Paulo é perturbadora e admirável porque se recusa a aceitar o presente como cárcere da história. Para Paulo, a educação é política porque pode confirmar ou contestar o *status quo*. Para os professores do mundo todo, ele definiu o presente como algo que pode ser mudado, que não é cristalizado. Podemos adquirir o conhecimento necessário para mudar as desigualdades de classe, de raça e de sexo impostas por uma elite que domina a educação e a sociedade” (Shor, 1996: 565).

5. UMA PEDAGOGIA A SER COMPLETADA POR OUTRAS PEDAGOGIAS

Pedagogia do oprimido nasceu nas lutas utópicas dos anos 60 que até hoje não se realizaram na prática ou, pelo menos, em sua plenitude. Parece que os anos 60 ainda não terminaram. Os sonhos da década de 60 continuam como sonhos. Nesse livro, ele defende uma tese original: a superação da situação de oprimido não pode dar-se se o oprimido assumir a posição de opressor. A superação da contradição oprimido-opressor não se dá quando oprimidos se tornem opressores, mas na supressão da própria condição de opressão.

Pedagogia do oprimido é a manifestação de algo maior do que uma pedagogia. Ele mesmo afirmou, na abertura do livro, nas suas “primeiras palavras”, que o livro *Pedagogia do oprimido* era apenas uma “introdução à pedagogia do oprimido” e não “toda” a pedagogia do oprimido. A pedagogia do oprimido é um projeto de libertação maior, que não caberia num só livro. Ela precisa ser desdobrada, realizada, “corporificada” (na expressão de Paulo), assumida e ir além. Ela é instrumento e não um fim em si mesma.

Pedagogia do oprimido é um livro exigente e radical. Ele nos estimula e desafia ao diálogo e, ao mesmo tempo, à insurgência. É um livro de apoio à resistência e à luta. O desafio que ele nos apresenta está na sua ideia central de arrancar o opressor de nossas entranhas por meio de um processo de conscientização que liberta a ambos: oprimidos e opressores. Diz ele, na página 57: “a pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser pedagogia dos homens em processo de permanente libertação”.

Trata-se de uma pedagogia universal (não universalista) pois não só dos oprimidos: de uma pedagogia “do oprimido” para uma pedagogia de todos os seres humanos. Por isso ele fala que terá “dois momentos distintos”. Trata-se de uma revolução frente ao próprio pensamento hegeliano no qual ele se fundamentou, mas reinventou: ele subverte a relação “escravo-senhor”.

Como é uma “introdução à pedagogia do oprimido” e como é uma pedagogia da insurgência, os movimentos de resistência e luta, de insurgência, vão criando outras pedagogias possíveis, revisitando e reinventando sua própria pedagogia, como ele mesmo fez: pedagogia da esperança, pedagogia da pergunta, pedagogia da autonomia etc.

Em abril de 1981, Paulo Freire fez uma dedicatória ao me entregar um exemplar da nova edição do livro, a 17ª, para mim e para minha esposa Rejane, nos seguintes termos: “Para Rê e Moacir, esta primeira edição decente da *Pedagogia do Oprimido* em Português. Abração. Paulo. Abril 81”. Para preparar essa nova edição “decente”, Paulo Freire fez uma cuidadosa releitura do seu livro, fazendo muitas anotações e depois revendo toda a edição. Ele colocou várias interrogações na 15ª edição do livro, onde estão essas anotações. São raras as páginas em que não existe nenhum comentário ou anotação. Na página 171, por exemplo, ele escreve ao lado do primeiro parágrafo: “truncado”; na página 213 ele escreve: “frase de significação dúbia”. Depois desta leitura atenta, ele preparou a nova edição.

As primeiras edições do livro em Português não eram inteiramente fiéis aos originais. Curiosamente, durante as primeiras edições do livro, no quarto capítulo, à página 158, havia mais de meia página em branco. Consultando os originais, percebe-se que Paulo havia feito (à página 15 do quarto capítulo) um gráfico, opondo a “Teoria da Ação Revolucionária” à “Teoria da Ação Opressora”. Não se sabe porque havia sido omitido esse quadro explicativo, resumindo, graficamente, a “intersubjetividade” - a relação horizontal entre os “sujeitos atores (lideranças revolucionárias) e os atores sujeitos” (massas oprimidas) da teoria da ação revolucionária – e a relação vertical entre atores e sujeitos, na teoria da ação opressora. Enquanto a primeira teoria leva à humanização, diz Paulo, a segunda leva à “manutenção objetiva da opressão”.

Esse quadro explicativo tinha tudo a ver com a relação entre os *intelectuais* e as *massas*. Paulo Freire dava grande importância à teoria para uma práxis transformadora, afirmando que “todo o nosso esforço neste ensaio foi falar desta coisa óbvia: assim como o opressor, para oprimir, precisa de uma teoria da ação opressora, os oprimidos, para libertar-se, igualmente necessitam de uma teoria de sua ação” (p. 217). E adverte, a seguir: o povo, “enquanto esmagado e oprimido, introjetando o opressor, não pode, sozinho, constituir a teoria de sua ação transformadora. Somente no encontro dele com a liderança revolucionária, na comunhão de ambos, na práxis de ambos, é que esta teoria se faz e se re-faz”.

Outras educações e outras pedagogias são possíveis: “quanto mais cada pessoa estiver empenhada nesse movimento de mudança e de transformação social, cultural, educacional, econômica, política, ética e estética, mais viáveis, visíveis e imediatos serão os resultados que poderemos alcançar, o que se aplica ao Brasil e a todas as nações que, solidariamente, buscam superar a intolerância e construir não apenas outras educações possíveis, mas outros mundos possíveis” (Padilha, 2018: 133).

O livro *Pedagogia do oprimido* acabou dando origem a uma *concepção de educação*, sustentada hoje pelos educadores populares, pelos movimentos sociais e vivida em muitas escolas. A *Pedagogia do oprimido*, diz Miguel Arroyo (2012:

559-560) no verbete “Pedagogia do oprimido” que escreveu para o *Dicionário da Educação do Campo*, “encontra sua afirmação nos processos educativos extraescolares, sobretudo, mas também inspira outra escola, outras práticas educacionais escolares. O traço mais radical: ocupar o território-escola. Os movimentos sociais, ao lutarem por terra, espaço e território, articulam as lutas pela educação, pela escola – as lutas por direitos a territórios. Mostram a articulação entre todos os processos históricos de opressão, segregação e desumanização, e reagem lutando em todas as fronteiras articuladas de libertação. Escola é mais do que escola na pedagogia dos movimentos. Ocupemos o latifúndio do conhecimento como mais uma das terras, como mais um dos territórios negados. A escola, a universidade e os cursos de formação de professores do campo, indígenas e quilombolas são mais outros territórios de luta e de ocupação por direitos. A negação, a precarização da escola, é equacionada como uma expressão da segregação-opressão histórica da relação entre classes. Já a escola repolitizada é mais um território de luta e ocupação, de libertação da opressão. A *Pedagogia do oprimido* é radicalizada na pedagogia escolar pelas lutas dos movimentos por educação do campo, por escola do campo no campo”. Trata-se de uma concepção nascida nas experiências sociais e inseparável dos sujeitos dessas experiências como produtores de conhecimentos e reconstruída por esses mesmos sujeitos.

6. HUMILDADE PARA ACEITAR AS CRÍTICAS E SE REINVENTAR

Em sua *Pedagogia da esperança*, Freire reconhece a crítica feita a ele de que *Pedagogia do oprimido* tinha uma “linguagem machista”. Agora, diz ele, “ao escrever esta *Pedagogia da esperança*, em que repenso a alma e corpo da *Pedagogia do oprimido*, solicitarei das casas editoras que superem a sua linguagem machista. E não se diga que este é um problema menor porque, na verdade, é um problema maior. Não se diga que, sendo o fundamental a mudança do mundo malvado, sua recriação, no sentido de fazê-lo menos perverso, a discussão em torno da superação da fala machista é de menor importância, sobretudo porque mulher não é classe social” (Freire, 1992: 68).

Analisando a trajetória do seu livro, Paulo Freire apresenta as críticas que recebeu, fala do problema da “inteligibilidade do texto” e as “críticas à linguagem tida como quase impossível de ser entendida e, de tal maneira rebuscada e elitista, que não podia esconder nela a sua ‘falta de respeito ao povo’” (p. 74). Na página 76, ele responde a essas críticas e adverte o leitor de que não se deve prosseguir a leitura de um texto sem captar o significado de alguma palavra: “ler um texto é algo mais sério, mais demandante. Ler um texto não é ‘passear’ licenciosamente, pachorrentamente, sobre as palavras. É apreender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde, determinado” (p. 76).

A humildade fazia parte da personalidade de Paulo Freire. Por isso, uma das coisas que ele jamais abriu mão foi a de combater os intelectuais arrogantes. Na *Pedagogia do oprimido*, ele sustenta que “a pronúncia do mundo, com que os

homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus polos (ou um deles) perdem a humildade. Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?” (*Pedagogia do oprimido*, 1981. pp. 94-95). Ele volta ao tema em seu último livro, *Pedagogia da autonomia*. No último parágrafo deste livro, ele afirma que “nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é causa de arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente” (Freire, 1997: 165).

Ele tinha a humildade necessária para aceitar as críticas. Costuma contextualizá-las e reconhecê-las. Mas também procurava explicar quando achava que havia “mal-entendidos”. Diz ele: “não posso ser responsabilizado, devo dizer, pelo que se diga ou se faça em meu nome, contrariamente ao que faço e ao que digo; não vale afirmar, como certa vez, alguém, com raiva, o fez: ‘você pode não ter dito isto, mas pessoas que se dizem discípulas suas disseram’” (Freire, 1992: 88-89).

Paulo Freire não gostava de “seguidores”. Dizia que queria ser reinventado. Na verdade, não deixou discípulos como repetidores de ideias. Ele deixou, um espírito. Ele mesmo afirmou, no livro *Por uma pedagogia da pergunta* (Freire & Faundez, 1985: 41): “a única maneira que alguém tem de aplicar, no seu contexto, alguma das proposições que fiz é exatamente refazer-me, quer dizer, não seguir-me. Para seguir-me, o fundamental e não me seguir”.

Como reinventar Freire?

Encontrei num texto do educador popular Oscar Jara Holliday uma “chave para essa reinvenção”. Diz ele: “quando escreveu *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*, ele não estava falando de uma releitura das frases do seu livro, mas de uma releitura crítica de todo o seu pensamento, motivada pelos encontros com as novas realidades que havia vivido nos vinte anos decorridos desde que ele o havia escrito. Coerente na sua vida pessoal com sua proposta pedagógica, dizia que ‘o educador tem de ser um grande perguntador de si mesmo’. Aqui está a primeira chave para a reinvenção: o questionamento, a atitude crítica, curiosa e insatisfeita, que sempre procura responder criativamente às condições inéditas dos processos históricos que estamos experimentando” (Holliday, 2018: 464).

7. REINVENTANDO FREIRE NO SÉCULO XXI

Paulo Freire deixou como legado uma filosofia educacional, uma teoria do conhecimento e um método de investigação e de pesquisa, ancorados numa antropologia, imprescindíveis na formação do educador. Depois de Paulo Freire não se pode mais afirmar que a educação é neutra. Ele demonstrou a importância da educação na formação do povo sujeito, do povo soberano; foi um dos grandes idealizadores do paradigma da educação popular. Miríades de experiências de

educação popular e de adultos inspiram-se em suas ideias pedagógicas.

Ele deu uma grande contribuição à luta pelo *direito à educação*, não a qualquer educação, mas ao direito a uma educação emancipadora. Sua pedagogia destacou a necessidade de teorizar a prática, a necessidade da pesquisa participante e o reconhecimento da legitimidade do saber popular.

Mario Sergio Cortella chama a atenção para a leitura de *Pedagogia do oprimido* e outros livros de Paulo Freire em que o leitor conclui: “Engraçado, isso é claro. É claro que é assim” e “acha Paulo Freire meio óbvio”. “Cuidado”, diz Cortella. “É claro que nós achamos Paulo Freire meio óbvio quando a gente vai lê-lo. Afinal de contas, aquilo que a gente lê ali e que leu em outros lugares é aquilo que ele escreveu há 50 anos. E por ter escrito há 50 anos e ter disseminado por tantos lugares, nós já lemos isso em tantos autores, em tantos debates, em tantas lógicas que, quando você vai ao original, fala “mas eu sabia disso”. Sim, sabia, foi ele mesmo quem disse (...) e que não deixou de ter atualidade (...). Paulo Freire se sustenta não só em nós, mas em sua própria obra. Porque, vez ou outra, temos uma tendência de dizer que Paulo Freire continua vivo no que nós fazemos. Mas ele continua vivo também nas obras que escreveu” (Cortella, 2018: 25). Por isso ele é um “clássico”, isto é, “o que não deixa de ter atualidade”, conclui Mario Sergio Cortella.

A atualidade da *Pedagogia do oprimido* é demonstrada não só pelo número de suas edições, mas pelas marcas que ela deixou na educação do século XX, também neste início de milênio, como mostra o livro publicado pela Editora Instituto Paulo Freire: *Reinventando Paulo Freire no século 21* (Torres e outros, 2008). Nesta obra, Jason Mafra descreve a trajetória do movimento *Universitas Paulo Freire* (Unifreire) desde o ano 2000, reunindo centros de estudos, cátedras, institutos, associações e entidades públicas e privadas que se fundamentam em Freire e desenvolvem estudos sobre ele (Mafra, 2008: 9-40). Paulo Freire desenvolveu, em 1990, o conceito de “cidade educadora”, mostrando que a escola não é o único espaço educativo, associando a educação formal e a não-formal. Sua pedagogia está comprometida com a cidadania, com a autonomia do aluno, uma concepção pedagógica amplamente aceita hoje. Paulo Freire recusou o pensamento fatalista neoliberal, o que lhe dá uma inquestionável posição de vanguarda frente às concepções pedagógicas conservadoras que não se preocupam com a ética e a radicalização da democracia.

Essa mesma atualidade e reinvenção pode ser vista num livro recente - *Reinventando Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire* (Gadotti & Carnoy, orgs., 2018) - que reuniu a contribuição de 63 autores e autoras. Inspirado em dois momentos importantes da história da educação - 50 anos da *Pedagogia do oprimido* e 100 anos da Reforma Universitária de Córdoba - este livro revisita Paulo Freire a partir da práxis de uma instituição criada por ele e que, há 27 anos, continua reinventando seu legado e reafirmando a atualidade do seu pensamento.

Neste livro, foram reunidos diferentes olhares que revelam a trajetória de uma instituição. O desejo de compartilhar a caminhada, apresentando experiências acumuladas ao longo desses anos, está acompanhado do desejo de ampliar a reflexão, de inspirar e ser inspirada por todos aqueles e aquelas que acreditam

no papel da educação para a justiça social. Os organizadores desta publicação desafiaram as autoras e os autores convidados a apontar caminhos para a educação do futuro, para além da conjuntura brasileira, com ideias que podem contribuir na construção de políticas públicas. São propostas forjadas na experiência concreta de pessoas que vivem intensamente seu compromisso com a edificação de outros mundos possíveis.

Não é verdade que Paulo Freire esteja sendo esquecido e ignorado hoje. Ao contrário, ele é o terceiro pensador mais citado do mundo em universidades da área de humanas. O levantamento foi feito através do Google Scholar, ferramenta de pesquisa para literatura acadêmica, por Elliot Green, professor associado da London School of Economics.

Se o livro *Pedagogia do oprimido* representa a essência de toda a obra de Paulo Freire, a atualidade desta obra deve ser medida também pelo seu reconhecimento acadêmico. Uma consulta da CAPES revelou que, entre 1987 e 2010, 1441 pesquisas tiveram como referência o educador Paulo Freire, 75% na área das Ciências Humanas, 19% nas biológicas e 6% nas exatas. “Esses números, que têm crescido a cada ano, e a diversidade de áreas, mostram como é fértil a reflexão de Paulo”, apontam Ana Maria Saul e Antonio Fernando Gouvêa Silva (Saul & Silva, 2011: 05).

Como afirma Henry A. Giroux, professor na Universidade da Pensilvânia, “*Pedagogia do oprimido* continua a desempenhar vigoroso papel na concepção de variados debates por todo o mundo a respeito da natureza, significado e importância da educação como forma de política cultural (...), reescreve a narrativa da educação como um projeto político que, ao mesmo tempo, rompe as múltiplas formas de dominação e amplia os princípios e práticas da dignidade humana, liberdade e justiça social (...), retraça o trabalho de ensinar como prática de todos os trabalhadores culturais engajados na construção e organização do conhecimento, desejos, valores e práticas sociais (...), reescreve a linguagem da política dentro e não fora da responsabilidade radical da ética (...), encarna o compromisso de toda a vida de um homem que associa teoria e ação, compromisso e humildade, coragem e fé. *Pedagogia do oprimido* não pode ser separada nem de sua história, nem de seu autor, mas também não pode ser reduzida à especificidade de intenções ou de localização histórica” (Giroux, 1996: 569-570).

A força da obra de Paulo Freire está na sua capacidade de conexão e de agregar diferentes contribuições, como um “cruzador de fronteiras”, como sustenta Henry Giroux. Sua obra é capaz de gerar múltiplas leituras e diferentes interpretações em diferentes lugares. É um pensamento que representa a afirmação da polifonia contra os controladores de uma voz única.

8. UM MAPA DE NAVEGAÇÃO EM TEMPOS OBSCUROS

Ler *Pedagogia do oprimido* nos ajuda a entender as possibilidades e os limites da educação atual no contexto da globalização neoliberal. Como afirma Carlos Alberto Torres (2008:11), “reler *Pedagogia do oprimido* no contexto dos efeitos das

globalizações neoliberais em nossas sociedades pode ser o caminho mais apropriado para confrontar essa conjuntura em que o conhecimento instrumental foi estabelecido como o único caminho para a promoção das reformas educacionais. Rer *Pedagogia do oprimido*, contextualizando suas teses centrais, pode nos ajudar a redefinir os termos dos debates que estão acontecendo hoje na educação em geral”.

Rubem Alves, grande amigo de Paulo Freire, afirma que *Pedagogia do oprimido* é como um “mapa de navegação” “como que produziam na época das grandes navegações, que apontam para as terras obscuras que existem mais no sonho do que no conhecimento — mapas proféticos que abrem caminhos inexplorados e convidam o viajante a sair das seguras rotas conhecidas e a se aventurar por regiões que outros nunca visitaram. Paulo Freire fez isto: sugeriu caminhos novos para o pensamento. Mostrou circularidade dos caminhos velhos da educação, pelos quais se caminhava sem nunca se sair do lugar (...). A obra de Paulo Freire foi isto: semente frutífera que vai morrendo e se transformando como exigência da própria vida que vai explodindo os limites que aprisionam. Sendo conhecimento o mundo, tal como é, é muito mais do que isso: revelação de um outro mundo que permanece aberto a todos aqueles que tiverem coragem para entrar nos mares desconhecidos e sedutores para as quais ela aponta. Obra que permanecerá para sempre inacabada, pois isto pertence à sua própria essência: o fascínio permanente ante os espaços que a liberdade não permite que se fechem, jamais. Ter entendido Paulo Freire é estar sempre pronto para partir” (Alves, 2008:35).

A metáfora de Rubem Alves lembra o estilo de escrever de Paulo Freire por meio de “cartas” de todo tipo. Tem várias obras escritas na forma de cartas. O gênero carta pessoaliza, expõe a intimidade. Uma carta pode dirigir-se a um grande público, mas, em princípio, ela se dirige a cada um em particular. Uma carta convida a uma aproximação entre quem escreve e quem lê; ela possibilita a cumplicidade entre eles. Quem escreve cartas convida ao diálogo, à resposta, à continuidade, ao estabelecimento de uma relação pessoal. Ele usou o gênero carta também como um suporte novo da educação popular, como uma poderosa ferramenta pedagógica do diálogo. O gênero carta não se presta ao discurso autoritário. As cartas se destinam muito mais para fazer um convite às pessoas, um convite ao diálogo. Paulo Freire chama a atenção para o conteúdo das formas. O que ele disse por meio das formas é muito importante para a formação do educador.

Por que continuar lendo *Pedagogia do oprimido*?

Alguns certamente gostariam de deixar esse livro nas prateleiras, no passado da história das ideias pedagógicas; outros gostariam de esquecê-lo, por causa de suas opções políticas assumidas neste livro. Certamente, não é um livro que agrada a todos. Em certos lugares, até hoje, ele é um livro interdito. Mas para os que desejam conhecer e viver uma pedagogia de inspiração humanista, esta é uma obra imprescindível. A pedagogia do diálogo que este livro defende fundamenta-se numa filosofia pluralista. A força desta obra não está só na sua teoria do conhecimento, mas em mostrar uma direção, mostrar que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas. Paulo Freire não só convenceu tantas

peessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também porque despertava nelas, pessoalmente ou por meio de seus escritos, a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa. Como legado nos deixou a utopia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W., 1995. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

ALVES, Rubem, 2008. "Estar sempre pronto para partir...". In: GADOTTI, Moacir, org. 2008. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, p. 35.

ANDREOLA, Balduino Antonio, Gomercindo, GHIGGI e Evaldo Luis PAULY, 2011. "Paulo Freire no Rio Grande do Sul: diálogo, aprendizagens e reinvenções...". In: Revista *e-curriculum*, São Paulo, v.7 n.3 Dezembro 2011 - Edição especial de aniversário de Paulo Freire, <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum> .

ANTUNES, Ângela, 2008. "Pedagogia do oprimido: escolha, compromisso e luta". In: GADOTTI, Moacir, org. 2008. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, pp.19-20.

ARRIADA, Eduardo, Gabriela Medeiros NOGUEIRA e Silvana Maria Bellé ZASSO, 2017. "Pedagogia do oprimido: do manuscrito ao texto escrito". In: *Revista Brasileira de Alfabetização*. Vitória, ES | v. 1 | n. 6 | p. 17-39 | jul./dez. 2017.

ARROYO, Miguel G. 2012. "Pedagogia do oprimido". In: CALDART, Roseli Salete, Isabel Brasil PEREIRA, Paulo ALENTEJANO e Gaudêncio FRIGOTTO, orgs. 2012. *Dicionário da educação no campo*. São Paulo: Expressão Popular, pp. 553-561.

ARROYO, Miguel G., 2018. "Paulo Freire: um outro paradigma pedagógico?" In: *II Congresso Internacional Paulo Freire: o legado global*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 28 de abril a 1o de maio de 2018.

BOFF, Leonardo, 2008. "Pedagogia do oprimido e Teologia da Libertação". In: GADOTTI, Moacir, org. 2008. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, pp.16-17.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 2018. "Platão, Paulo e nós: uma viagem entre os tempos da cultura popular e da educação popular". In: GADOTTI, Moacir & Martin

CARNOY, orgs., 2018. *Reinventando Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire; Stanford: Universidade de Stanford, pp. 285-303.

CALDART, Roseli Salete, Isabel Brasil PEREIRA, Paulo ALENTEJANO e Gaudêncio

FRIGOTTO, orgs. 2012. *Dicionário da educação no campo*. São Paulo: Expressão Popular.

CARNOY, Martin, 1974. *Education as cultural imperialism*. New York: David McKay.

CORTELLA, Mario Sergio, 2018. "Paulo Freire, utopias e esperanças". In: GADOTTI, Moacir & Martin CARNOY, orgs., 2018. *Reinventando Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire; Stanford: Universidade de Stanford, pp. 21-28.

DOMIQUILE, Sabrina, 2015. *Pedagogia do oprimido na perspectiva dos teóricos que influenciaram Paulo Freire*. Maringá: Universidade Federal de Maringá (Trabalho de Conclusão de Curso).

FREIRE, Paulo & Antonio FAUNDEZ, 1985. *Por uma pedagogia da pergunta*. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo & Ira SHOR, 1987. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo, 1969. "Papel da educação na humanização". Tradução de Carlos Souza. *Revista Paz e Terra*. Rio de Janeiro, 4(69):123-132, out. 1969.

FREIRE, Paulo, 1974. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo, 1992. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo, 1997. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

GADOTTI, Moacir & Martin CARNOY, orgs., 2018. *Reinventando Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire; Stanford: Universidade de Stanford.

GADOTTI, Moacir, org. 1996. *Paulo Freire, uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez.

GADOTTI, Moacir, org. 2008. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire.

GHIRARDELLI Jr, Paulo, 2012. *As lições de Paulo Freire: filosofia, educação e política*. Barueri: Manole.

GIROUX, Henry A., 1996. "Um livro para os que cruzam fronteiras". In: GADOTTI, Moacir, org. 1996. *Paulo Freire, uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, pp. 569-570.

HOLLIDAY, Oscar Jara, 2018. "Paulo Freire e o desafio de reinventá-lo". In: GADOTTI, Moacir & Martin CARNOY, orgs., 2018. *Reinventando Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire; Stanford: Universidade de Stanford, pp. 464-465.

HOLLOWAY, John, 2003. *Mudar o mundo sem tomar o poder: o significado da revolução hoje*. Tradução de Emir Sader. São Paulo, Viramundo.

LIMA, Licínio C., 2018. "Três razões para estudar Freire hoje, para além da mais óbvia". In: GADOTTI, Moacir & Martin CARNOY, orgs., 2018. *Reinventando Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire; Stanford: Universidade de Stanford, pp. 29-36.

MAFRA, Jason Ferreira, José Eustáquio ROMÃO e Moacir GADOTTI, orgs., 2013. *Pedagogia do oprimido (o manuscrito)*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, Universidade Nove de Julho e Ministério da Educação.

MAFRA, Jason, 2008. "Utopia e projeto possível". In: TORRES, Carlos Alberto, 2008. *Reinventando Paulo Freire no século XXI*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, pp. 9-40.

MAZZA, Débora e Nima Imaculada SPIGOLON, 2018. "Educação, exílio e revolução: o camarada Paulo Freire". In: *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*. Salvador: v. 03, n. 07, p. 203-220, jan./abr. 2018.

PADILHA, Paulo Roberto, 2018. "Educar em todos os cantos: educação integral com qualidade sociocultural e socioambiental no Município que Educa". In: GADOTTI, Moacir & Martin CARNOY, orgs., 2018. *Reinventando Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire; Stanford: Universidade de Stanford, pp. 119-135.

PEREIRA, Dirlei de Azambuja, 2012. *Fontes filosóficas da pedagogia de Paulo Freire: a transformação social radical inspirada em Karl Marx como núcleo sintético*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas (Tese de Doutorado).

PEREIRA, Irene, 2017. *Paulo Freire, pédagogie des opprimé.e.s*. Paris: Editions Libertalia.

ROMÃO, José Eustáquio, 2008. "Opção radical pelo oprimido". In: GADOTTI, Moacir, org. 2008. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, pp.11-12.

ROMÃO, José Eustáquio e outros, 2006. "Círculo Epistemológico: círculo de cultura como metodologia de pesquisa". In: *Educação & Linguagem: Revista da Faculdade de Educação e Letras da Universidade Metodista de São Paulo*. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, ano 9, n.13, jan.-jun. 2006.

ROSAS, Paulo, 2004. *Fontes do pensamento de Paulo Freire*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

SAUL, Ana Maria Saul e Antonio Fernando Gouvêa SILVA. "O pensamento de Paulo Freire no campo de forças das políticas de currículo: a democratização da escola". In: Revista *e-curriculum*, São Paulo, v.7 n.3 Dezembro 2011 - Edição especial de aniversário de Paulo Freire, <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>.

SHEROVER-MARCUSE, Erica, 1986. *Emancipation and Consciousness: Dogmatic and Dialectical Perspectives in the Early Marx*. Oxford: Blackwell.

SHOR, Ira, 1996. "Um livro perturbador a respeito da educação". In: GADOTTI, Moacir, org. 1996. *Paulo Freire, uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, pp. 565-567.

STRECK, Danilo Romeu, Cheron Zanini MORETTI e Sandro de Castro PITANO, 2018. "Paulo Freire na América Latina: tarefas daqueles/as que se deslocam por que devem. In: GADOTTI, Moacir & Martin CARNOY, orgs., 2018. *Reinventando Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire; Stanford: Universidade de Stanford, pp. 37-46.

STRECK, Danilo R. 2008. "Uma maneira de construir pedagogia". In: GADOTTI, Moacir, org. 2008. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, pp.15-16.

TORRES, Carlos Alberto, 1996. "Pedagogia do oprimido: revolução pedagógica da segunda metade do século". In: GADOTTI, Moacir, org. 1996. *Paulo Freire, uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, pp. 567-568.

TORRES, Carlos Alberto, 2008. "Reinventando Paulo Freire 40 anos depois". In: GADOTTI, Moacir, org. 2008. *40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, pp. 10-11.

WILLIANSO C., Guillermo, 1988. *Paulo Freire, 1964-1969: sua passagem pelo Chile e o Chile pelo qual passou*. Campinas, UNICAMP, mimeo.

"São Paulo. Primavera, 18".